

A IDENTIDADE E A DIFERENÇA EM *MY NAME IS KHAN*: A BUSCA DE UM MUÇULMANO POR RESPEITO E RECONHECIMENTO

Priscilla Cláudia Pavan de Freitas*

Resumo

Este trabalho tem por escopo tratar a questão da identidade e da diferença no filme *My name is Khan*, no qual o preconceito e intolerância religiosa, após o 11 de setembro, são evidenciados. Para alcançar os objetivos foram utilizados os estudos de Silva (2006) e Kujawski (2005), que trouxeram à luz conceitos sobre a cultura e a aceitação do outro, e as ideias de Charaudeau (2016) sobre a identidade e a manipulação da opinião pública.

Palavras-chave

Identidade. Diferença. Intolerância. Islam.

*Imagine there's no countries
It isn't hard to do
Nothing to kill or die for
And no religion too
Imagine all the people
Living life in peace*

John Lennon, trecho de Imagine

1) Introdução

A música *Imagine*, composta por John Lennon e Yoko Ono, virou um hino que simbolizava a paz na década de 1970, por sua letra engajada num contexto de diversos conflitos internacionais, entre eles a Guerra Fria, envolvendo Estados Unidos e União Soviética por mais de 40 anos, e a Guerra do Vietnã, que perdurou até a década de 1975, com a queda da cidade de Saigon, até então a capital do Vietnã do Sul. A música se immortalizou na voz de John Lennon e, mais tarde, vários outros artistas também a regravaram, e a canção se tornou um sucesso mundial. No trecho da música destacado na epígrafe, fala-se das nações, as quais sempre foram um dos maiores motivos para conflitos armados, e se propõe imaginar um mundo sem países marcados por ideologias que justifiquem matar ou morrer. É, sem dúvida, um pedido e uma reflexão para o mundo,

* Licenciada em Letras: Português e Inglês, mestre em Linguística, especialista em Gestão Escolar pela USP, doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente é professora do Colégio Civitatis e da Ong CIFA (Centro Inter-fé das Américas). E-mail: aisha-1982@hotmail.com

para que as pessoas enxerguem o próximo de maneira respeitosa e desprovida de preconceitos, e para que, por meio dessa nova postura, alcancem a paz em um novo mundo sem diferenças que separem, mas apenas com diferenças que agreguem.

As diferenças fazem parte da construção da identidade do ser humano, o qual é “simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, sou ‘heterossexual’[...]”, conforme profere Silva (2006, p. 1), numa perspectiva autocontida e autossuficiente, sobre a questão do que é a identidade. No mesmo texto, mais adiante, o autor afirma que a identidade vai muito além desta definição mais individual, pois ela envolve não apenas o sujeito, mas também o meio no qual ele está inserido. A identidade depende da diferença, isto é, para o autor, um indivíduo só pode ser compreendido de forma plena na sua relação com o outro.

Em *My name is Khan*, obra cinematográfica dirigida pelo ator e produtor indiano Karan Johar, na qual o preconceito e intolerância religiosa após o **11 de setembro**¹ são evidenciados, o protagonista se autointitula como um muçulmano, não terrorista, cujo nome o individualiza: “Khan” (com som produzido pela epiglote, conforme enfatiza o próprio personagem). Todo o enredo do filme gira em torno da premissa “*My name is Khan and I’m not a terrorist*” e em torno da tentativa do protagonista de chegar até o presidente dos E.U.A (na transição Bush-Obama) e proferir estas palavras face a face. Esse objetivo nasce porque, após o 11 de setembro, sua vida nos E.U.A. mudou drasticamente. Após uma discussão com sua esposa, ele sente que precisa afirmar à nação norte-americana que sua religião é boa e que nada tem a ver com os ataques às Torres Gêmeas. A postura do protagonista suscita-nos uma reflexão sobre a intolerância cultural e religiosa existente, e sobre a importância da aceitação e reconhecimento do outro, após o evento que mudou o mundo e o olhar para os muçulmanos.

Neste trabalho, objetiva-se tratar a questão da identidade e da diferença em *My name is Khan* sob o viés dos estudos de Silva (2006), que trouxeram à luz conceitos sobre a cultura e a aceitação do outro, os estudos sobre a identidade nacional desenvolvido por Kujawski (2005) e as ideias de Charaudeau (2016) sobre a identidade e a manipulação da opinião pública.

¹ O dia 11 de setembro de 2001 ficou conhecido, mundialmente, pelos vários ataques terroristas contra os Estados Unidos, orquestrados pelo grupo fundamentalista Al-Qaeda, sob o comando do líder árabe Osama bin Laden. Quatro aviões foram sequestrados pelo grupo terrorista, sendo que dois deles atingiram as Torres Gêmeas em Nova Iorque, deixando milhares de mortos e de feridos (grifo da autora).

O *corpus* do trabalho foi escolhido a partir de uma inquietação pessoal como muçulmana, brasileira e convertida que sou e também de uma observação particular acerca da imagem que a sociedade ocidental construiu sobre os muçulmanos após o fatídico 11 de setembro, evento que foi um divisor de águas e que alavancou o preconceito já existente para com os seguidores do islam.

O trabalho justifica-se pelo fato de que até hoje, mesmo após quase 18 anos, a data 11 de setembro de 2001 é rememorada ano após ano nos Estados Unidos e em boa parte do mundo, e toda a carga emotiva decorrente dessa tragédia, toda a indignação dos parentes de vítimas e sobreviventes, fez com que os E.U.A. iniciassem um programa de Guerra ao Terror, o qual não somente revidou os ataques dos terroristas, mas também contribuiu para reforçar o discurso do ódio contra os muçulmanos, já que o nome *Al-Qaeda* frequentemente era relacionado ao islam. É claro que notícias sensacionalistas, publicadas na época (e após o evento também) foram responsáveis pela propagação, muitas vezes errônea, de um fanatismo e até de um terrorismo “islâmico”, e toda essa situação em torno da comunidade muçulmana evidencia uma latente necessidade de se discutir aspectos que envolvam a cultura, a identidade e as diferenças como uma forma de diminuir o preconceito e a intolerância religiosa. A obra cinematográfica escolhida aborda de uma maneira sensível como um indivíduo muçulmano pode se sentir diante da segregação e da injustiça contra a sua religião e contra seus costumes.

Para atingir os objetivos propostos no trabalho, em um primeiro momento, procurarei apresentar alguns dos direitos civis dos estrangeiros nos E.U.A., para, a partir deles, discutir como é construída uma visão do muçulmano após o 11 de setembro no país; em seguida, tratarei das questões de identidade e da diferença e como o preconceito surge pela não aceitação do outro, levando em consideração as teorias selecionadas; por fim, analisarei algumas passagens do filme que elucidam a questão da construção da identidade e do preconceito contra o diferente e da superação do personagem retratados na obra cinematográfica.

2) Os muçulmanos nos E.U.A.: o ódio é maior do que os direitos civis?

Na seção 1 da constituição dos E.U.A, de 1868, encontramos a emenda XIV, na qual consta a afirmação de que todos os cidadãos dos Estados Unidos não poderão ser privados de privilégios nem de sua vida, liberdade ou bens sem processo legal. Isso se

aplica também a cidadãos naturalizados, isto é, aos estrangeiros que optaram por viver e trabalhar no país. O fragmento na íntegra encontra-se a seguir:

All persons born or naturalized in the United States, and subject to the jurisdiction thereof, are citizens of the United States and of the State wherein they reside. No State shall make or enforce any law which shall abridge the privileges or immunities of citizens of the United States; nor shall any State deprive any person of life, liberty, or property, without due process of law; nor deny to any person within its jurisdiction the equal protection of the laws. (The Constitution of the United States - Amendment XIV - Citizenship Rights, 1868)

Portanto, a lei ampara tanto os cidadãos norte-americanos quanto os estrangeiros: por lei, todos são iguais (“*All persons born or naturalized in the United States, and subject to the jurisdiction thereof, are citizens of the United States*”)². A Emenda I afirma que o Congresso não legislará no sentido de estabelecer uma religião ou proibindo o livre exercício dos cultos (“*Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof*” - Amendment I - Freedom of Religion, Press, Expression. Ratified 12/15/1791). Estas duas emendas nos mostram que, nos E.U.A, a liberdade religiosa e os direitos iguais são partes da lei que devem ser respeitadas pelos cidadãos para viverem de forma plena e pacífica. Parece que essa lei se cumpriu por algum tempo; todavia, após os atentados que destruíram o *World Trade Center* e o Pentágono, a polarização Ocidente-Oriente ficou mais evidente, e tanto a imagem do islamismo como as relações dos norte-americanos com os muçulmanos mudaram. Alguns árabes e indianos muçulmanos ou de outras religiões (Sikhs e hindus) começaram a ser alvos de ataques de cidadãos intolerantes nos Estados Unidos e em boa parte dos países europeus, mas é possível afirmar que neste último isso foi bem mais evidente, principalmente por George W. Bush declarar abertamente a Guerra ao Terror, a qual foi entendida por muitos como o combate aos terroristas “islâmicos”³.

Antes do 11 de setembro, havia vários muçulmanos famosos que eram respeitados, ou pelo menos não eram rechaçados de locais públicos nem tampouco alvos de preconceito pela escolha de sua crença, tais como o boxeador Muhammad Ali e o ativista

² Em tradução livre: “Todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos, e sujeitas à jurisdição, são cidadãos dos Estados Unidos.”

³ O termo “islâmico” está destacado porque há divergências quanto ao que é islâmico e o que não é. No cenário religioso, a comunidade islâmica do Brasil, por exemplo, acredita que os muçulmanos são aqueles que seguem o Islam, uma religião de paz, a qual nada tem a ver com ataques terroristas. Já, no cenário político, o Islam é a religião inerentemente violenta, fonte para vários grupos terroristas como *Al-Qaeda*, *Boko Haram*, *Hamas*, Estado Islâmico (*Daesh*).

de direitos humanos Malcolm X. Porém, após a data fatídica, os seguidores de *Allah* (“Deus”, em árabe) começaram a sofrer com a islamofobia.

De acordo com Chomsky, os ataques de 11 de setembro foram um evento histórico porque mudaram o olhar do mundo para com os E.U.A., e estes deixaram de ser opressores para virar os oprimidos, algo que não ocorria desde 1814, quando os britânicos incendiaram Washington. Segundo o autor:

Onze de setembro foi um evento histórico mas, lamentavelmente, não pelas dimensões da catástrofe. É desagradável pensar nisso, mas em termos de escala, os ataques não foram algo incomum - embora talvez seja verdade que nenhum outro crime da história tenha tido um número maior de vítimas humanas instantâneas. Infelizmente, porém, existem muitos outros crimes terroristas com efeitos mais duradouros e mais extremos. Não obstante, 11 de setembro foi um evento histórico, pois ocorreu uma mudança: a direção em que as armas estão apontadas mudou. E isso é algo novo, radicalmente novo. (CHOMSKY, 2002, p. 8)

O “radicalmente novo” a que se refere o autor diz respeito ao ataque em solo americano, isto é, ao sentimento do norte-americano por ser invadido, aterrorizado em sua própria casa. Daí o surgimento de um nacionalismo exacerbado e de uma islamofobia, o que culminou em vários conflitos civis e entre nações ocidentais e orientais.

O governo de Barack Obama surgiu como uma esperança de mudança para o país, com a retirada da maior parte das tropas do Iraque e do Afeganistão, amenizando a crise econômica (ocasionada, em grande parte, pelo investimento militar nas guerras em ambos os países). O governo ainda investiu na área da saúde e participou de vários acordos climáticos. Tudo isso parecia uma cenário favorável para os E.U.A. e para seus cidadãos, incluindo os imigrantes muçulmanos. No entanto, houve uma consequência inesperada no governo de Obama: o fortalecimento de várias milícias na fronteira entre Iraque e Síria que mais tarde criariam o Estado Islâmico (*Daesh*, hoje em dia), um grupo terrorista que atiçou novamente o ódio contra os muçulmanos (independentemente de sua etnia). Apesar de inúmeros ataques terroristas ligados ao *Daesh* ao redor do mundo, sobretudo na Europa, Obama foi tentando amenizar esse ódio no país com políticas contra o racismo e a discriminação e, em vários momentos, deixou claro o seu posicionamento contrário às agressões contra os muçulmanos, o que foi reforçado em seu discurso de despedida da

presidência em janeiro de 2017, “*That's why I reject discrimination against Muslim Americans*”⁴, numa alusão à proteção à privacidade e às liberdades civis.

Atualmente, o novo presidente dos E.U.A., Donald Trump, trouxe uma nova ordem (e talvez uma restauração de uma ideologia do ódio “quase” adormecida) ao país, a dita proteção da nação contra a entrada de terroristas estrangeiros nos Estados Unidos⁵, o que claramente inclui os estrangeiros de países de origem muçulmana, mais especificamente de seis nações: Chade, Irã, Líbia, Somália, Síria e Iêmen.

É fato que o islam desde o 11 de setembro e da criação do Estado Islâmico tem estado nos principais veículos midiáticos, na maioria dos casos relacionado a algum tipo de violência, e isto pode levar à conclusão equivocada de que todos os muçulmanos são terroristas ou adeptos de alguma atividade violenta. Porém, entendo que isso seria incoerente com o livro sagrado dos muçulmanos, o Alcorão, visto que nele há inúmeras passagens que falam de amor ao próximo, do comportamento pacífico e da tolerância, como no trecho em que indica que “não há imposição quanto à religião, pois já se destacou a verdade do erro. Quem renegar o sedutor e crer em Deus, ter-se-á apegado a um firme e inquebrantável sustentáculo, porque Deus é Oniouvinte, Sapientíssimo” (Alcorão, 2ª Surata, 256ª ayah), surata⁶ que comprova a tolerância religiosa dos muçulmanos para com as outras religiões. É possível notar a propagação da paz também nos costumes dos muçulmanos, no cumprimento entre eles quando dizem “que a paz esteja com você” (em árabe, السلام عليكم – As-Salamu Alaikum) ou quando se referem a algum profeta e mensageiro e pronunciam logo após o nome deles “Salallahu aleihi Wassalam” (em árabe, صلى الله عليه وعلى آله وسلم – Que Deus o abençoe e lhe dê paz).

Segundo Demant (2013), o estereótipo do muçulmano como terrorista vem da tendência jornalística de alguns veículos midiáticos, materializada por notícias sensacionalistas. Ele acrescenta ainda que:

a abertura de uma mesquita não é notícia, rezas regulares e pacíficas da congregação, ainda menos. Quando líderes comunitários muçulmanos representando um amplo espectro de opiniões assinam uma declaração em prol da coexistência pacífica e, juntamente com colegas não

⁴ Em tradução livre: “É por isso que rejeito a discriminação contra os muçulmanos americanos”.

⁵ O decreto para proteger a nação contra a entrada de terroristas estrangeiros nos E.U.A., emitido em janeiro de 2017, pelo presidente Donald J. Trump, tem como principal propósito proteger os americanos de ataques terroristas cometidos por estrangeiros admitidos nos Estados Unidos. Para isso, a principal atuação se dá no processo de emissão de vistos para detectar indivíduos com vínculos terroristas e impedir que entrem no país (dados disponíveis no site da embaixada e consulados dos E.U.A. no Brasil).

⁶ “Surata” ou “sura” é o nome dado a cada capítulo do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos.

muçulmanos, apontam as condições e investimentos necessários para estimular uma melhor compreensão mútua, tal notícia vem como pequena nota de rodapé, ou é simplesmente ignorada. Porém, quando, no clima pós-11 de setembro, o imã de uma mesquita extremista em Londres faz uma declaração incendiária, ela é amplificada como se representasse a opinião de todos os muçulmanos. (DEMANT, 2013, p. 340)

Essa preferência pela notícia sensacionalista e sem muito embasamento traz audiência e polêmicas e parece alimentar a indústria midiática de forma muitas vezes perniciososa, contribuindo, assim, para o aumento do ódio contra os muçulmanos. É exatamente isso que ocorre em *My name is Khan*. No filme, os cidadãos norte-americanos, instigados pelas imagens das Torres Gêmeas caindo, pelo vídeo de Osama Bin Laden falando da *Al-Qaeda* e pelo programa do governo de combate ao terrorismo, incitam uma repulsa em relação ao imigrante, iniciando um conflito do povo nativo contra o povo “invasor”. Inúmeras lojas são saqueadas e depredadas e pessoas são violentadas por parecerem ou de fato serem muçulmanas. Khan, o protagonista, é um dos que sofre com essa violência ao perder, de forma brutal e covarde, o seu enteado. Sua esposa é hindu, mas, por ser casada com um muçulmano, também sofre represálias. Sua cunhada que usa o *hijab* (véu islâmico) é humilhada e atacada na rua e lhe tiram o véu com agressividade; outros indianos, mesmo de outras religiões, são obrigados a ouvirem palavras ofensivas porque são confundidos com muçulmanos. Percebe-se, então, que a identidade patriótica norte-americana começa a combater o diferente.

O desconhecimento do pensamento e da cultura islâmica é, sem dúvida, um dos principais motivos que levam os ocidentais a reagirem de forma preconceituosa e até mesmo intolerante contra os muçulmanos. Outro fator desencadeante é a mídia, pois muitas vezes esta influencia a opinião dos leitores/telespectadores por meio de assertivas na maioria das vezes tendenciosas. Partindo da premissa de Fiorin (2015, p. 18) de que “nenhuma conclusão é logicamente verdadeira, porque elas dependem de valores e de crenças”, pode-se afirmar que o que muitas vezes os veículos midiáticos repassam são seus valores e ideologias, os quais nem sempre correspondem a fatos ou mesmo a valores de outrem.

Em *My name is Khan*, a mídia tem um papel preponderante, pois ela é responsável pela divulgação maciça da tragédia do *World Trade Center* e, em consonância com o discurso do presidente Bush, propaga imagens violentas relacionadas aos terroristas “ditos” muçulmanos. Além disso, é a mídia também que divulga a trajetória do

personagem Khan quando ele começa a sua jornada de ir até o presidente dos Estados Unidos. Khan aparece em telejornais ajudando vítimas de um furacão e chega até ser confundido com um terrorista; porém, aos poucos, tudo o que o personagem vai vivendo e sendo retratado na TV serve para evidenciar que Khan era um muçulmano bom, e a mesma mídia que ofende a sua religião, por meio de notícias tendenciosas, mais adiante reconhece as suas benfeitorias para os cidadãos norte-americanos.

É interessante observar que por tanto tempo, presidentes norte-americanos lutaram em prol da igualdade e do bem-estar do país, como Theodore Roosevelt (que ganhou até o prêmio Nobel da paz em 1906) ou mesmo J. F. Kennedy (que lutou pelos direitos civis dos negros), e foram ovacionados por isso pela nação norte-americana. Mas, na trama analisada, foi necessário alguém que fosse “diferente”, propriamente “Khan”, portador de síndrome de Asperger (um tipo de autismo leve), para mostrar ao mundo o que deveria ser de conhecimento popular: que todos deviam ser tratados com respeito e igualdade independente de sua raça, credo ou classe social. O ódio, no filme, em princípio, falou mais alto do que o respeito aos direitos civis, e daí suas consequências trágicas.

3) A identidade e a diferença: uma relação de interdependência

A questão da identidade, conforme já exposta, está relacionada à diferença, pois quando assumimos que somos algo como “muçulmanos”, “indianos”, “terroristas”, estamos automaticamente negando o que não somos, ou seja, qualquer coisa que seja diferente do que dizemos. Silva (2006) afirma que a identidade não pode ser compreendida fora de um processo de produção simbólico e discursivo, isto é, ela só faz sentido quando colocada em relação com uma cadeia de significação formada por outras identidades. Por exemplo, quando o personagem Khan diz “sou muçulmano e não sou terrorista” significa que ao mesmo tempo ele está dizendo que não é católico ou judeu e que existem terroristas muçulmanos, mas que não é o caso dele. Na perspectiva de Kujawski (2005, p.2), a identidade significa pertinência e é “compulsiva, absorvente, irresistível e irrenunciável”, o que significa dizer que não é herdada, mas é formada a partir daquelas comunidades, pensamentos, crenças com as quais há identificação, isto é, o sentimento de pertencimento, e daí a pertinência. Todavia, o contrário também pode ocorrer: o sentimento de não identificação, de rejeição da cultura alheia. É o que se

observa no caso de muitos norte-americanos que sentem a necessidade de combater a entrada de imigrantes para manter a “sua cultura” intacta e impenetrável.

Charaudeau (2016) afirma que a questão de identidade é muito complexa, pois pertencemos a muitos grupos, como: os familiares, os religiosos, os de costumes. Esse entrecruzamento, para o autor, é um fator de riqueza para o indivíduo, pois evidencia uma pluralidade cultural. Entretanto, é sabido que nem todos aceitam bem o diferente e, nessa contradição de se ter a necessidade do outro e ao mesmo tempo sentir que precisa ser diferente, podem ocorrer dois movimentos: o de “atração” ou de “rejeição”. O de atração leva o sujeito a se apossar do outro, dominá-lo, levando-o a partilhar do mesmo universo, porque ele pensa “como o outro pode ser diferente de mim?”; já o de rejeição ocorre quando a diferença percebida pode ser interpretada como uma ameaça para o sujeito e deve, portanto, ser combatida. Daí surgem os julgamentos negativos, os preconceitos e as caricaturas do outro.

Sobre esse último movimento, Charaudeau alega que:

A percepção da diferença é acompanhada, geralmente, de um julgamento negativo, pois ameaça a sobrevivência de si mesmo. É como se não fosse suportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos seus sejam melhores ou, simplesmente existam. E quando esse julgamento endurece e se generaliza, torna-se o que se chama de estereótipo, clichê, preconceito. É preciso compreender que ao julgar o outro negativamente, protegemos nossa identidade, caricaturamos a do outro e nos persuadimos de que temos razão contra o outro. (CHARAUDEAU, 2016, p. 25)

A visão de Charaudeau, no que diz respeito à identidade, é paradoxal, pois um sujeito precisa do outro em sua diferença para ter consciência de sua própria existência, mas, ao mesmo tempo, tenta eliminar essa diferença, tornando o outro semelhante ou rejeitando-o. No caso dos E.U.A., o movimento de rejeição fica mais evidente, pois o muçulmano é tratado com preconceito após o 11 de setembro.

Kujawski (2005, p.3) assevera que “a consciência nacional aponta para o futuro”, enquanto a consciência regional se apegua ao passado provinciano, isto é, ao limitado, tradicional, ao que já não é mais de fato. Logo, o apego à velha ordem das coisas, ao sentimento tradicional e isolado de alguns norte-americanos quanto à presença de imigrantes limita-os e impede-os de compreender, aceitar e evoluir com a cultura do outro.

O trabalho de Kujawski (2005) teve como foco a identidade nacional do Brasil, um país de forte imigração, mas suas considerações podem muito bem ser aplicadas no trabalho em questão pelo olhar mais apurado sobre a formação da identidade nacional. A identidade nacional, para ele, é construída pela consciência nacional, isto é, pela consciência do povo.

Sobre essa questão, é fato que os norte-americanos de hoje são diferentes em muitos aspectos de seus antepassados. Muitos têm consciência disso, mas o nacionalismo acentuado de alguns deles traz algumas marcas bem arraigadas. Dentre elas, podemos citar a da supremacia branca (da junção de norte-americanos e europeus) em relação aos negros e índios (as informações históricas não nos deixam esquecer, por exemplo, da ocupação violenta dos norte-americanos nas terras do oeste, no século XIX), e a forte presença da religião cristã protestante em oposição ao catolicismo e às religiões orientais, a qual contribuiu para a divinização das expedições e invasões norte-americanas. Neste momento da história, os americanos se julgavam o povo escolhido de Deus (conforme mostrava a doutrina do “Destino Manifesto”, conjunto de crenças nacionalistas e expansionistas norte-americanas absorto na religião e na ética protestante de dominação dos territórios) e, portanto, merecedores de todas as terras do norte (na época, e de outros territórios hoje em dia). Atualmente, ainda há grupos extremistas, como a *Ku Klux Klan*, que se manifestam contra negros, judeus, imigrantes e homossexuais, comprovando, dessa forma, que parte do povo norte-americano, apesar de miscigenado, ainda carrega fortes ideais racistas e xenofóbicos, um problema que talvez levará algumas dezenas de anos para ser amenizado por completo.

A identidade e a diferença para Silva (2006) são construídos por atos de criação linguística; em outras palavras, têm que ser ativamente produzidas, pois pertencem ao mundo cultural e social. Logo, dizer “sou norte-americano e cristão” só tem sentido dentro de uma cadeia infinita de conceitos que se opõem ao não ser “norte-americano e cristão”. Se dito num contexto de afirmação da identidade nacional e religiosa, o “ser norte-americano e cristão” serve para enfatizar e mostrar o orgulho diante de sua nacionalidade. Porém, se proferido para se opor a outro cidadão, como “um indiano e muçulmano”, por exemplo, pode gerar uma reação de desprezo pelo outro, como o que ocorre com o personagem Khan, o qual escuta o tempo todo ofensas relacionadas à sua religião e etnia.

Silva (2006) afirma ainda que a identidade e a diferença culturais são marcadas pela indeterminação e pela instabilidade, assim como ocorre na linguagem, e, sendo assim, são

vacilantes, e, portanto, sujeitas a relações de poder e a vetores de força. Por essa razão, para o autor, “elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquia; elas são disputadas” (SILVA, 2006, p.3). Essa disputa se materializa mediante a vários processos de diferenciação que podem categorizar as relações entre duas culturas e duas identidades. Isso fica evidente em *My name is Khan* em alguns momentos.

Na tabela abaixo, elaborada por mim para este fim, a partir das ideias de Silva (2006), podemos verificar a relação de diferenciação binária entre identidades de forma mais didática.

Tabela 1

Processo	Muçulmanos de várias etnias (nos E.U.A. após o 11/09)	Norte-americanos (após o 11/09)
Demarcação de fronteira	“eles”, “estrangeiros”	“nós”, “nativos”
Classificação	“maus”, “terroristas”, “invasores”	“bons”, “vítimas”, “herdeiros legítimos”
Aceitação	“anormais”, “estranhos”	“normais”, “comum”

A tabela mostra a visão dos norte-americanos para com os muçulmanos e evidencia a superioridade de um em relação ao outro. Se considerássemos a visão dos muçulmanos que foram rechaçados e humilhados, a perspectiva, na tabela, seria diferente. Isso mostra que a relação identidade-diferença também dependerá de determinado ponto de vista, o que será afirmado por Silva (2006, p. 3): “as classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade”. O agrupamento de informações é feito por meio de uma hierarquização de duas classes polarizadas, em que uma delas é privilegiada. No caso do filme analisado, a identidade dos norte-americanos é a privilegiada, pois é ela que embasa a norma a ser seguida após o 11 de setembro, não havendo, portanto, espaço para duas culturas. Os muçulmanos são categorizados, conforme evidencia a tabela, como os estrangeiros maus, terroristas e invasores que são ameaças para os norte-americanos, e estes, por sua vez, são as vítimas que têm seu espaço invadido e são os herdeiros legítimos do espaço onde residem. Visto dessa forma, cria-se uma segregação do povo muçulmano, como se eles não fizessem parte daquela cultura e, consequentemente, como se não se incluíssem nas leis que amparam aquele país.

É importante destacar que, de acordo com Silva (2006, p. 4), há movimentos que estabilizam e subvertem a questão da identidade. Os primeiros reforçam aquela ideologia já existente, como ocorre até hoje em culturas mais endurecidas; e os outros vão além das fronteiras, evidenciando a ideia de movimento e hibridismo cultural.

O “hibridismo cultural” é um fenômeno histórico-social que existe desde as primeiras imigrações humanas e foi muito bem definido por vários autores, entre eles Peter Burke (2016), o qual subdividiu esse fenômeno em três tipos: os que envolvem artefatos, os que envolvem práticas e os povos híbridos. O primeiro tipo diz respeito à arte produzida pelos povos, como a arquitetura, as igrejas, as mesquitas e até mesmo as traduções; o segundo tipo pode ser identificado na religião, na música, na linguagem, nos esportes e ainda nas festividades de um povo; o terceiro, por sua vez, está mais ligado à figura do híbrido como um mediador cultural e as formas de representação social daqueles indivíduos que já nasceram híbridos, frutos de dois ou mais povos.

O enteado de Khan, por exemplo, nasceu nos E.U.A., portanto teve uma formação cultural norte-americana; entretanto, foi influenciado ainda pela cultura hindu trazida por sua mãe, Mandira e, mesmo que por pouco tempo, teve influência também de Khan. Logo, o enteado é um bom exemplo de que o “estrangeiro” nem sempre é tão alheio à cultura do país: ele pode ser um mediador entre culturas e, assim, enriquecê-las, oportunidade que, no caso do garoto, foi retirada por causa de sua morte. Khan, mesmo sofrendo com a perda de seu enteado e com todo o preconceito que sofre ao longo dos meses após o 11 de setembro, consegue reverter a situação da intolerância religiosa por mostrar, de forma bem prestativa e despretensiosa, solidariedade aos norte-americanos após um desastre natural (furacão), e eles acabam, no final das contas, reconhecendo que as duas culturas poderiam viver em harmonia se houvesse respeito mútuo.

Filmes como *Rambo*, *Invasão à Casa Branca*, *Duro de matar*, *Busca implacável*, retratam os E.U.A. como heróis que combatem os vilões, ou seja, terroristas de outros países. Essa representação de que o país do tio Sam é o “mocinho” da história e de que todo o resto é inimigo é subvertida em *My name is Khan*, já que o filme evidencia os dois lados da cultura muçulmana e da norte-americana e sensibiliza o telespectador com a reflexão de que não existem várias diferenças, identidades e culturas, mas apenas pessoas

boas e pessoas más⁷, ensinamento que foi repassado a Khan por sua mãe, ainda quando jovem.

4) *My name is Khan*: uma lição de um homem bom

Khan, na sua infância, morou em Mumbai e desde cedo apresentou um comportamento diferente das demais crianças de sua idade. Ele não entendia algumas regras e normas sociais, tinha fixação por alguns objetos, contato visual e corporal eram incômodos, sua audição era sensível, o que lhe causava desconforto quando saía à rua. Além disso, apresentava comportamentos estereotipados repetindo gestos ou falas de outras pessoas. Por outro lado, Khan era uma criança muito inteligente, aprendia tudo com muita facilidade e tinha uma memória incrível. Por ser considerado diferente dos outros, entretanto, sofria preconceito na escola, chegando até a ser excluído e ridicularizado por outros alunos.

A rejeição dos outros sempre foi presente em sua vida: quando morava na Índia, por causa de sua deficiência; já nos E.U.A., pela sua escolha religiosa. Sua mãe, entretanto, ainda na sua infância, com um amor incondicional, nunca desistiu de Khan e não enxergava o filho através de suas dificuldades, mas sim por meio de seus talentos (que não eram poucos). Ela sempre acreditou em seu potencial e investiu toda sua energia e amor para proporcionar um desenvolvimento que lhe ajudasse em sua autonomia e independência. Em alguns momentos, a mãe de Khan chegava a ser superprotetora, tratando-o com mais afeto do que o irmão, o qual mais tarde reagirá a essa rejeição.

O trato da mãe fez com que Khan fosse um bom homem muçulmano, dedicado à sua religião e prestativo, muito diferente da imagem criada pela mídia, pós 11 de setembro, de muçulmano terrorista. Dentre seus ensinamentos, Khan ouviu de sua mãe que existem apenas pessoas boas e más, o que ele levou para toda a sua vida quase como um lema, tanto que se casou com uma mulher hindu, Mandira, e não encontrou nenhum problema em compartilhar sua fé no mesmo espaço em que ela praticava a dela. Aliás,

⁷ Trecho do filme em que a mãe de Khan lhe ensina a lição valiosa de que só existem dois tipos de pessoas no mundo: “*Remember one thing, son. There are only two kinds of people in this world. Good people who do good deeds. And bad people who do bad. That’s the only difference in human beings*”. Em tradução livre: “Lembre-se de uma coisa, filho. Existem apenas dois tipos de pessoas neste mundo. Boas pessoas que fazem boas ações. E pessoas más que fazem mal. Essa é a única diferença nos seres humanos”.

uma das cenas mais emocionantes do filme envolve a relação de tolerância de um para com o outro e deles para com os vizinhos americanos e cristãos. Eles frequentavam a casa dos vizinhos, o filho destes era amigo do filho de Mandira, o jovem Sameer, e viviam em plena harmonia antes do 11 de setembro.

Após o evento, contudo, o amigo e vizinho de Khan foi obrigado a servir na guerra do Afeganistão e acabou morrendo, o que estremeceu a relação entre Sameer e seu amigo, pois este culpava os muçulmanos pela morte do pai.

Sameer começa a sofrer *bullying*, é violentamente atacado numa confusão da escola e morre após uma hemorragia interna. Mandira, desconsolada, culpa Khan pelos atos violentos contra o filho e diz, num momento de raiva, que não quer mais vê-lo e que vá embora; ele, com toda a sua inocência, pergunta a ela quando poderá voltar e então ouve a seguinte resposta: “*Tell all of them that you are not a terrorist. Why only them? Tell every person in America. Can you do that? Can you? No, you can't. Why don't you tell the President of United States then? Mr. President, my name is Khan and I'm not a terrorist*”.⁸ Neste momento, Khan ouve as palavras de sua amada como uma missão e começa a sua jornada para encontrar o presidente dos E.U.A e afirmar a ele que é muçulmano e que não é um terrorista.

Khan ouve, ainda, de Mandira, ainda sensibilizada por causa da morte do filho, que ela foi a responsável pela tragédia porque se casou com um muçulmano: “*We killed him! It's all my fault. If I hadn't married to you... all this wouldn't have happened... What difference would it make... if his name is changed? What difference would it make... if a 'Khan' was added to his name? But I was wrong. It makes a difference. It does make a difference. I should never have married a Muslim man!*”⁹.

Mandira estava emocionalmente abalada pela morte do filho, o que justifica suas palavras, porém estas não evidenciam apenas o lado emotivo dela, mas também os discursos de outros sujeitos: os norte-americanos, que estavam, pouco a pouco, sendo influenciados pela superdramatização das mídias após os ataques terroristas.

⁸ Tradução livre: “Diga a todos eles que você não é um terrorista. Por que só eles? Diga a todas as pessoas na América. Você pode fazer isso? Você pode? Não, você não pode. Por que você não conta ao presidente dos Estados Unidos? Sr. Presidente, meu nome é Khan e não sou terrorista”.

⁹ Tradução livre: “Nós o matamos! É tudo culpa minha. Se eu não tivesse me casado com você... nada disso teria acontecido... Que diferença faria... se o nome dele fosse mudado? Que diferença faria se um 'Khan' fosse adicionado ao nome dele? Mas eu estava errada. Faz diferença. Isso faz diferença. Eu nunca deveria ter me casado com um homem muçulmano!”

Charaudeau (2016, p. 121) afirma que a “superdramatização” (dramatização exacerbada) é “uma característica do discurso de informação das mídias na maneira de relatar e comentar os acontecimentos. Para atrair o público, trata-se de construir o acontecimento numa narrativa suscetível de ter um impacto emocional, como se vê em algumas manchetes” e, mais adiante, o autor completa que a “superdramatização”, por meio de vários procedimentos, “constrói uma encenação em torno da tríade vítima/agressor/salvador”. É exatamente isso o que ocorre com a imagem do muçulmano (e de Khan) após o 11 de setembro: ele é visto como o agressor, as vítimas, por sua vez, são os mortos na tragédia, e o salvador, neste caso, é a nação norte-americana, que combate o invasor.

Muitos veículos midiáticos, na época da tragédia, mostraram, de forma constante, os aviões se chocando às Torres Gêmeas, e essa repetição incessante, de certa forma, contribuiu para manipular a opinião pública. Os resultados dessa manipulação ficaram evidentes nos discursos de vários norte-americanos, entre eles o próprio presidente Bush, e, principalmente, no filme, com a morte de Sameer e com a reação agressiva de Mandira.

É sabido que dentre as funções principais das mídias televisivas está a de informar a sociedade, atendo-se aos fatos. Porém, sabe-se, também, que muitas emissoras de televisão tentam tirar proveito das informações, sobretudo aquelas mais trágicas, em nome da audiência, o que pode expor, de forma intencional (ou não), os sujeitos e instituições envolvidos. No caso do 11 de setembro, a organização terrorista *Al-Qaeda* era o tempo todo citada e, junto a ela, a religião islâmica. Osama bin Laden era árabe, foi fundador da *Al-Qaeda* e quando jovem teve contato com grupos islamitas. Essas informações bastaram para muitas pessoas associarem o terrorismo ao Islam, como o que ocorreu no filme de Karan Johar.

O filme em questão não faz apologia ao islamismo, mesmo porque mostra, em um de seus trechos, que há um grupo terrorista se formando dentro de uma mesquita (templo religioso muçulmano), mas traz a lição, na verdade, de que o bem e o mal independem da religião ou etnia. Na conversa abaixo entre Khan e o dr. Faisal, um muçulmano com inclinação terrorista, é possível notar quais são os verdadeiros valores da religião islâmica e de que forma eles foram distorcidos por uma mente tendenciosa:

Dr. Faisal: *I, Dr. Faisal Rehman, take an oath that I'm ready. Are you people ready? Are you? ... Mighty Allah had even asked Ibrahim to sacrifice his son. And without asking a*

*single question, Ibrahim agreed to sacrifice him. It's our turn today. It's our duty to let our blood flow for the cause of Islam.*¹⁰

Khan: *My Ammi has told me the story. Saint Ibrahim did not doubt the compassion of the Lord. The story is an example of his immense strong faith and belief... He was sure Allah would never allow the blood of his progeny to be shed. The mighty Allah saved Ismail's life. My Ammi also said, "Rizvan... this story shows that the path of Allah is that of love... not of hatred and war."*¹¹

O dr. Faisal tentou convencer outros muçulmanos a se rebelarem contra judeus e cristãos para defender o islam, que estava sendo atacado, mas Khan mostrou a ele que uma religião de paz não poderia servir como pano de fundo para uma guerra.

Khan, por sua condição, entende tudo de forma literal. Ele entendeu que o dr. Faisal era um homem mau e que por isso deveria ser excomungado da religião. Após seu diálogo com o dr. Faisal, Khan segue seu caminho em busca do presidente dos E.U.A. para confirmar que ele não era o terrorista que as pessoas achavam.

Em sua caminhada, Khan percorre várias cidades e se encontra com muitas pessoas; algumas o desprezam e outras o ajudam. Assim, vai se confirmando o que sua mãe lhe ensinou: a existência de pessoas boas e más. As boas, para ele, devem ser protegidas, como é o caso de Mama Jenny, uma mulher gentil que o acolhe por algum tempo e que, apesar de ter perdido seu filho na Guerra do Iraque, não vê Khan como um inimigo, mas como uma pessoa que quer conquistar sua paz.

Khan cria laços de amizade com Mama Jenny e seu filho mais jovem e, quando tem a oportunidade de salvá-los de um furacão, o Molly, que devasta a região da Geórgia, não mede esforços. Esta atitude de Khan faz com que ele se torne reconhecido na mídia como um muçulmano bom que ajuda as pessoas, fato que, aos poucos, fará com que os cidadãos olhem com outros olhos para os muçulmanos. Com sua generosidade, bondade e

¹⁰ Tradução: “Eu, dr. Faisal Rehman, faço um juramento de que estou pronto. Vocês estão prontos? Você estão?... Poderoso *Allah* até pediu a Ibrahim para sacrificar seu filho. E, sem fazer uma única pergunta, Ibrahim concordou em sacrificá-lo. É a nossa vez hoje. É nosso dever deixar nosso sangue fluir pela causa do Islã.”

¹¹ Tradução: “Minha Ammi (mãe) me contou a história. Santo Ibrahim (Abraão) não duvidou da compaixão do Senhor. A história é um exemplo de sua imensas e fortes fé e crença... Ele tinha certeza de que Deus nunca permitiria que o sangue de sua descendência fosse derramado. O poderoso Allah salvou a vida de Ismail. Minha Ammi também disse: “Rizvan... essa história mostra que o caminho de Allah é o amor... não o ódio e a guerra.”

determinação, Khan começa a mudar a situação da intolerância de seu país e contribui para que os muçulmanos percam o medo de falar como se sentem.

A atitude altruísta de Khan mostra uma outra identidade do muçulmano, diferente daquela criada pela mídia e exortada por muitos norte-americanos.

Khan, que lê constantemente o Alcorão, se mostra como um religioso que prega a paz, a submissão a Deus e o respeito ao próximo, atitudes ensinadas no próprio Alcorão, de acordo com os trechos a seguir: “E lhes foi ordenado que adorassem sinceramente a *Allah* (Deus), fossem monoteístas, observassem a oração” (surata *Al Bayinat*, p. 844, vers. 5), “Pela era/ Que o homem está na perdição/ Salvo os crentes, que praticam o bem, aconselham-se na verdade e recomendam, uns aos outros, a paciência” (surata *Al ‘Asr*, p. 852, vers. 1, 2 e 3). O Alcorão, portanto, prega que todo muçulmano deve ser bom e paciente, algo muito similar ao que foi ensinado a Khan por sua mãe, e ele, por sua vez, construiu seu valores sob esses pilares.

O personagem Khan nos ensina uma lição: vale a pena ser um homem bom, pois ele recebe a sua recompensa, consegue falar com o presidente (Obama) e restabelece seu relacionamento com Mandira. O fragmento abaixo, que é o diálogo entre Khan e o presidente, marca o ponto forte e mais esperado do filme, já que o futuro do personagem depende do desfecho desse diálogo, principalmente no que se refere à afirmação de sua identidade perante todos os norte-americanos numa coletiva de imprensa.

President Barack Obama: *Rizwan Khan, it's good to see you hale and hearty. You on TV more than me now, huh?*¹²

Rizwan Khan: *You already know my name?*

President Barack Obama: *Yes, I do. Your name is Khan.*

Rizwan Khan: *Yes.*

President Barack Obama: *And you are not a terrorist.*

Rizwan Khan: *Oh no, no, I'm not a terrorist. No. And this is my son.*

[Showing picture of Sameer]

Rizwan Khan: *He was not a terrorist either.*

President Barack Obama: *I know.*

Rizwan Khan: *You know.*

President Barack Obama: *I'm so sorry for your loss.*

¹² Tradução: Rizwan Khan, É bom ver você sereno e saudável. Você está na TV mais do que eu agora. / Você sabe meu nome? / Sim, eu sei. Seu nome é Khan. / Sim./ E você não é um terrorista. / Oh, não, não, Eu não sou um terrorista. Não. E este é o meu filho. / Ele também não era um terrorista. / Eu sei./ Você sabe. / Eu sinto muito por sua perda.

O que mais emociona nesse diálogo final é o pedido de desculpas do presidente pela morte de Sameer, mostrando que o líder da nação norte-americana reconheceu que Khan não era um terrorista e que os muçulmanos foram tratados com injustiça. Essa é uma das maiores lições que o filme nos passa: a de que devemos ser justos e tratar as pessoas com respeito e dignidade, independentemente de sua religião.

O 11 de setembro ocorreu ainda no governo de George W. Bush, e é possível afirmar, pelo que o filme mostra, que uma nuvem negra pairava sobre os muçulmanos que moravam no país naquele momento. Além de a tragédia ser algo recente, marcou a vida dos americanos a tal ponto que houve uma necessidade de reafirmar o seu espírito patriótico, isto é, de enfatizar a identidade nacional do americano, não como mera vítima do terrorismo, mas como aquele que combate o agressor e, daí, justificam-se as agressões desferidas a Khan e aos muçulmanos.

Quando Obama assume o poder, um outro momento se instaura no país; junto à visão pacifista do presidente, vêm os atos bons de Khan, responsáveis por convencer pouco a pouco os americanos de que a identidade muçulmana pode conviver em harmonia com a identidade norte-americana.

Kujawski (2005) afirma que a identidade de um povo constitui uma invariante histórica, mas isso não o impede de passar por mudanças ao longo dos tempos. Os americanos, após o 11 de setembro do governo de Bush, por exemplo, estavam enraivecidos e adotam atitudes segregacionistas; já os americanos do governo de Obama são muito mais inclusivos e pacifistas. Khan acompanhou esse processo de transição pacientemente, sem perder a sua identidade. Os tempos mudaram, as pessoas mudaram e as situações mudaram, e a visão que elas tinham do estrangeiro como o invasor também mudou, porque Khan se mostrou digno disso. Ele mostrou, por meio de suas atitudes, que é possível manter a identidade de um povo mesmo com a aceitação da diferença e da multiplicidade de outro e, assim, Khan tornou-se parte do povo americano.

Kujawski (2005, p.13) afirma que a identidade é “um sinal de soma de todos os elementos constitutivos de um povo, sem exclusões nem discriminações” e mais adiante profere que o terrorismo universal que emergiu após o 11 de setembro tem como princípio uma “identidade enlouquecida que prefere eliminar em massa o Outro, na total aversão a qualquer fórmula de convivência com tudo o que apresenta como estranho a seu complexo de crenças”(ibid). Ou seja, a identidade não deve ser vista como um conjunto de características que excluem, como o 11 de setembro fez, mas sim como um conjunto de

características de um povo que assimila a mudança e a variedade e que aceita o diferente de forma mais flexível, aberta e expansiva. Khan, no final de sua jornada, consegue evidenciar a importância da aceitação do outro, e, mesmo que isso tenha ficado apenas no plano ficcional da obra de Johar, serve como uma reflexão sobre a importância de se respeitar o diferente hoje em dia também.

5) Considerações finais

A identidade é marcada pela diferença e, para que a primeira possa ser construída, é necessário respeitar e compreender a segunda. A identidade é relacional e tem símbolos que ajudam a identificar, nas relações sociais, quem é, por exemplo, muçulmano bom e quem não é. O próprio Khan, do filme analisado, chega a denunciar ao FBI um grupo terrorista que começa a se formar dentro de uma mesquita, pois para ele ficou muito claro, no decorrer de sua vida, que ser muçulmano é também ser bom, e essa era sua verdadeira identidade. Apesar de ter sido julgado indevidamente após o 11 de setembro, o personagem estabeleceu a meta de que precisava mostrar o contrário para o mundo e, dessa forma, deixou-nos uma mensagem de que o diferente não somente faz a diferença, como contribui para construir ou reafirmar a identidade de um povo (no caso, os muçulmanos).

O trabalho trouxe o conceito de identidade e diferença porque são importantes questões que devem ser debatidas para que se haja mais respeito e tolerância nas sociedades atuais. O objeto de estudo, isto é, o filme *My name is Khan*, foi escolhido por ter uma linguagem fluída, leve e emotiva e tratar dos aspectos de identidade e cultura por meio das atitudes das personagens e da forma como elas são representadas em determinadas culturas. O filme oferece uma reflexão sobre as diferenças, o porquê devem ser respeitadas em todas as suas nuances e, por meio de um personagem portador de um transtorno neurológico, o autismo, o que o torna excluído da sociedade, demonstra que, apesar de a sociedade estar desorientada e em conflito com o outro, há uma possibilidade de diminuir as tensões sociais e criar um ambiente respeitoso e mais amistoso caso se considere o lado humano, sem títulos, sem padrões, sem estereótipos; apenas o humano na sua essência.

Referências

Alcorão Sagrado com comentários. Trad. Samir El Hayek. Editora Fambras. 18ª edição, São Paulo, 2016.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural.** 5ª ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública:** como o discurso manipula as escolhas políticas. Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

CHOMSKY, Noam. A nova guerra contra o terror. **Revista Estudos Avançados**, vol. 16, nº 44. São Paulo, Jan./Apr. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142002000100002>>. Acesso em: 5 jun 2019.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação.** 1 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
MY name is Khan. Direção: Karan Johar. Produção: Hiroo Johar; Gauri Khan. Intérpretes: Shah Rukh Khan; Kajol; Sonya Jehan; Jimmy Sheirgill; Zarina Wahab. Arjan Auja; Arjun Mathur e outros. Roteiro: Shi bani Bathija. Beverly Hills: 20th Century Fox Home Entertainment, 2010. 165min.

KUJAWSKI, Gilberto. **A identidade nacional e outros ensaios:** somos muitos, somos um? Ribeirão Preto: SP: FUNPEC editora, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.) HALL, Stuart., WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

Documento eletrônicos

The Constitution of the United States. Disponível em: <http://www.usconstitution.net>. Acesso em 30 mai. de 2018.

President Obama farewell address. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/01/10/politics/president-obama-farewell-speech/index.html>. Acesso em: 29 mai. de 2018.

Decreto do Executivo para proteger a nação contra a entrada de terroristas estrangeiros nos EUA. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/ato-executivo-para-proteger-nacao-contr-entrada-de-terroristas-estrangeiros-no-eua/> . Acesso em: 20 jun. de 2019.

IDENTITY AND DIFFERENCE IN “MY NAME IS KHAN”: THE SEARCH BY A MUSLIM FOR RESPECT AND RECOGNITION

Abstract

This article investigates identity and difference in the movie *My name is Khan*, in which prejudice and religious intolerance following 9/11 are shown. In order to do so, the paper draws on the work of Silva (2006) and Kujawski (2005), who have shed light on concepts

of culture and the acceptance of Other, as well as Charaudeau's (2016) ideas about identity and the manipulation of public opinion.

Keywords

Identity. Difference. Intolerance. Islam